

PARA ENSINAR O DISCURSO CIENTÍFICO

RECURSO À OBJECTIVIDADE OU SENSIBILIZAÇÃO À INTERACÇÃO **

MARIA HELENA SAINADA *

A língua é dotada de uma estranha particularidade: fala sempre dela quando fala de qualquer outra coisa e é também ponto de passagem obrigatório para falar de si própria. O que está sempre em questão quer se fale de literatura, quer se aborde o domínio do texto não literário, quer ainda se fale especificamente de ciência, o que está sempre em causa, dizíamos, é a língua. E é também em torno dela, fazendo uso dela e por ela que aqui nos encontramos.

É, pois, a língua a grande preocupação que nos une à volta de um problema comum que assume, nos dias de hoje, a problemática de um projecto, também ele comum: ensinar línguas estrangeiras a fim de permitir que o nosso discurso de professores de línguas possibilite àqueles a quem se destina o acesso à compreensão de outros discursos, produto de outros indivíduos e de outras culturas. Produto também da actividade que o Homem exerce no meio e sobre o meio em que vive. Produto ainda e finalmente da acção que a própria realidade circundante vai

determinando nos indivíduos.

É, pois, a língua que dá a conhecer e transmite através dos tempos, entre muitas outras coisas que constituem o património cultural das gerações, o "saber científico" que o tempo também se encarrega de, pela mão do homem, modificar e fazer progredir.

É este discurso da ciência, sobre a ciência ou em correlação com a actividade profissional, o objecto da análise que nos propomos fazer, tentando demonstrar que ele se constrói numa perspectiva interactiva.

Com efeito, ensinar uma língua estrangeira tendo em vista objectivos específicos que podem, nos dias de hoje, diferir dos inicialmente previstos para o ensino/aprendizagem do discurso científico, não significa apenas dar aos que se propõem "aprendê-lo" uma boa "Consciência linguística" cujos fundamentos seriam o saber teórico das estruturas da língua.

* Assistente convidada na Universidade de Évora

** Comunicação apresentada no II Congresso Luso-Espanhol de Línguas Aplicadas às Ciências, realizado na Universidade de Évora, de 1 a 3 de Outubro de 1991.

Significa também isso, mas não só. Significa ensinar a comunicar, a participar em "trocas verbais". Significa também ensinar a tomar parte num discurso, construído em cooperação, segundo regras estabelecidas, em situações determinadas e respeitando convenções sócio-culturais. Na realidade as mais recentes pesquisas levadas a efeito por linguistas de reconhecido mérito influenciaram a viragem que se tem vindo a operar nos últimos anos no ensino das línguas estrangeiras, demonstrando que o domínio da linguística pura pode ser enriquecido por uma filosofia pragmática da linguagem, baseada na etnografia da comunicação, e pondo em evidência a rede (réseau) de relações semânticas e de princípios pragmáticos que dão origem ao que hoje se designa por discurso.

Aprender a comunicar é, nesta perspectiva, adquirir o conhecimento das convenções que regem o processo comunicativo, convenções que são as do grupo sócio-cultural a que pertencem os participantes, mas que são também as que a situação de comunicação cria e que estão sujeitas, obviamente, às variações e às influências introduzidas pelos que nela participam. Até mesmo às que o próprio locutor exerce sobre si próprio pois todo o falante ajusta, avalia, regula, orienta e reorienta o seu discurso à medida que este se desenrola.

As maneiras de o fazer são numerosas, ritualizadas e admitem todas as estratégias, até as que permitem "dizer" dizendo que não se diz ou "não dizer" dizendo que se diz.

Cada locutor exerce pois uma função de censura sobre o seu próprio discurso à medida que o pronuncia, o que leva a reformular, a precisar lexicalmente, mas também a exercer, sobre os termos que usa, uma avaliação em função do seu ou dos seus interlocutores. Porque o discurso é gerido, corrigido, matizado. O locutor localiza-se a si próprio em relação

ao que profere, analisa os termos que introduz, autocritica-se. Da mesma maneira, estrutura, anuncia e fecha a maior parte das suas intervenções segundo rituais relativamente "contraintegranats" que variam em função das diferentes situações de comunicação.

Considera-se deste modo o discurso como um processo de natureza interactiva no qual coexistem os diferentes elementos formais da cadeia discursiva, os diferentes níveis de intenção comunicativa sobre os quais se elabora e também os diferentes mundos de experiência representados pelos interlocutores.

A "integração" de um indivíduo num contexto socio-cultural diferente do seu, pela indispensável via da aprendizagem duma nova língua, passa, obviamente, pelo contacto com discursos produzidos nessa língua, orais ou escritos, dependendo a escolha de objectivos definidos a priori.

Reportando-nos a um domínio mais específico, mas com direito a uma plena inserção no vasto campo do ensino das línguas estrangeiras, vejamos o que se passa no interior do discurso científico, etiqueta que se apõe a "textos" diversificados mas cujo denominador comum é a noção de "ciência" e consequentemente os variadíssimos ramos do conhecimento que ela abrange.

Dentro de cada um desses ramos podemos confrontar-nos com discursos científico-didácticos, discursos científicos de vulgarização e ainda discursos científicos de pesquisa.

Lugar onde a verdade impera, durante muito tempo foi corrente admitir que no discurso de carácter científico, especialmente concebido para a transmissão de novos conhecimentos, de novos saberes, para informar acerca de novas descobertas e divulgá-las, a objectividade seria

um dos traços mais pertinentes. Daí que implicitamente se admitisse não haver qualquer interferência que a pudesse pôr em causa. E, efectivamente, não se põe em dúvida a veracidade do conteúdo que ele veicula. Não temos sequer competência para o fazer. O que se põe em dúvida é a objectividade com que esse saber, qualquer que seja o ramo da ciência considerado, é transmitido.

Tendo como objectivos prioritários a exposição de ideias, a formulação de hipóteses, o relato de experiências, o comentário de resultados de pesquisas efectuadas, baseado num raciocínio muito mais hipotético-dedutivo do que persuasivo, no seu interior surgem todavia índices que, segundo a perspectiva de Sophie Moirand e de outros especialistas em análise do discurso, lhe conferem um carácter dialógico intertextual e interactivo, deixando aperceber o seu aspecto comunicativo e traíndo uma objectividade apenas aparente.

No fundo, qualquer discurso científico, apresentando-se embora sob a forma monológica, pretende "fazer agir", "fazer crer" procurando modificar os comportamentos e as crenças de quem o recebe: o interlocutor. E tal como qualquer outro tipo de comunicação profissional, pressupõe também uma argumentação cujo objectivo é... "agir sobre outrém".

A esquematização argumentativa que o locutor concebe para o fazer, depende, à semelhança do que acontece noutros tipos de discurso, nomeadamente nos do quotidiano, das informações ou das "representações" que possui sobre o "outro" que pretende influenciar. A estratégia usada para o fazer pode não se tornar evidente, à primeira vista, para um leitor menos avisado, que fica implicado no discurso quando menos o espera.

Toda a acção exercida pelo locutor sobre o interlocutor é subtil e perpassa através das palavras que utiliza. Marcas

pessoais, imperativos, posições de sujeito com o verbo no Indicativo são frequentemente usados para agir, para provocar uma mudança no universo de crenças do interlocutor.

Curioso é também verificar, afastando-nos embora da palavra proferida, que muitas vezes o mesmo efeito é conseguido por argumentos externos ao discurso. Estatuto, posição, experiência e competência funcionam, só por si, como argumentos que conferem autoridade e que, por si sós, também podem influenciar a leitura que se faça do texto que foi elaborado em tais circunstâncias.

Entra-se assim num processo comunicativo que confere ao discurso científico, aparentemente monológico, carácter de "dialogismo interactivo". Para além da simples implicação do "outro" no discurso proferido, acontece muitas vezes no discurso científico, sobretudo de carácter argumentativo, (e aí podemos pôr a seguinte questão: onde acaba o expositivo para começar o argumentativo e vice-versa, sabendo-se que a exposição de ideias envolve implicitamente a argumentação que lhe é favorável, e que os meios linguísticos usados num tipo de texto o são igualmente no outro) que o locutor, (dizíamos), para além da exposição do "saber" que pretende transmitir, lembra ao interlocutor factos e situações que implicitamente admite serem por ele partilhados, responde a supostas dúvidas (do interlocutor) que obviamente não chegam a ser expressas, e faz com que o interlocutor, como afirmamos, participe activamente num discurso que lhe não pertence e ao qual, no início, era alheio.

Mas a verdade é que a análise de um discurso "pronunciado" nestas circunstâncias revela a inscrição do interlocutor no texto que, por esse motivo, se torna ambíguo.

Apresentando-se como um monólogo, o que efectivamente acontece no

seu interior é uma "troca" que se traduz num processo dialógico interactivo.

A ideia de que o discurso científico, essencialmente de carácter cognitivo teria características de exposição, não participando, portanto, de uma perspectiva comunicativa, excluiria a existência, nele, de qualquer diálogo com os destinatários pois se apoiaria em processos linguísticos que lhe confeririam objectividade, a saber, eliminação da marcas pessoais, utilização do presente como valor intemporal, construções nominais e impessoais, entre elas e com grande relevância a passivação e modalidades apreciativas.

A análise demonstra contudo, que o discurso científico, nas várias formas que assume, não é unicamente informativo nem forçosamente monológico. Já o vimos quando falamos de dialogismo interactivo. Podemos vê-lo também ao abordar o problema do dialogismo intertextual que, à semelhança do anteriormente referido, contribui para a inscrição deste tipo de discurso numa perspectiva interactiva, quebrando uma objectividade que se supunha existir mas que, na realidade é constantemente traída.

A existência de heterogeneidades enunciativas - citações - vem prová-lo porque nelas se encontram todas as formas de referências e de reformulações, tais como as usadas para introduzir o "discours rapporté". A sua presença, frequente no discurso científico didáctico, que pode ser interpretada como vontade de legitimar a palavra e de garantir autoridade, paradoxalmente pelo recurso à autoridade alheia, a sua inclusão no discurso científico de pesquisa, no qual os próprios autores, como em qualquer tipo de discurso, deixam marcas do seu "eu", com o objectivo de promover uma melhor compreensão do caminho proposto, e ainda a sua presença, embora menos frequente, no discurso de vulgarização científica, no qual se mantém prioritariamente o "diálogo" com os destinatários, chegando-se

mesmo, algumas vezes, ao ponto de utilizar o léxico e os enunciados que se imagina poderem ser-lhes atribuídos (campo do dialogismo interactivo), a sua presença, dizíamos, contribui para o ruir do quase mito da objectividade do discurso globalmente designado de científico.

Na realidade, "l'usage qu'on fait des paroles des autres", no dizer de S.Moirand (1990) "vem tornar o discurso um lugar de intertextualidade dentro do qual outros discursos circulam". Discursos esses que podem ser usados para confirmar o que foi dito mas que também podem ser referenciados para serem comentados, contraditos, refutados inscrevendo-se numa perspectiva que tem a ver com a produção do momento mas que também se refere a outras produções de outros momentos, situando-se estes no "antes" (o que já foi dito) ou no depois (o que há-de ser dito) e provocando, por esse motivo, novas produções de outros novos momentos.

A citação contribui, pois, para que o discurso científico, aquele em que, logicamente, é mais usada, se insira numa perspectiva de intertextualidade longitudinal que lhe confere também um estatuto interactivo (dialogismo). É isso que leva a que a oposição funcional entre "comunicação de tipo expositivo", da ordem do cognitivo (dar a conhecer trabalhos ou ideias) e a "comunicação de tipo interactivo", domínio do afectivo (fazer crer), se ponha em dúvida. Efectivamente o "discurso didáctico" participa da natureza dos tipos de comunicação atrás mencionados, isto é, pretende "fazer crer" e "dar a conhecer" em simultâneo, o que também acontece no discurso expositivo, quando o locutor procura persuadir o interlocutor do fundamento, da qualidade ou do interesse das suas pesquisas.

Entre todos eles um objectivo comum circula: comunicar. E no dizer de S.Moirand (1990) mais uma vez "Communiquer veut dire que l'on mette en scène une représentation de soi et de ses travaux

et que l'on tienne compte pour cela (...) des représentations que l'on a des destinataires du texte. Ces représentations sont des connaissances ou des hypothèses sur leurs compétences, lorsqu'il s'agit de diffuser des savoirs". Que fazer pois para ensinar a públicos específicos, científicos, uma tal variedade de aspectos?

A centraçãõ sobre o léxico, quando se trata de línguas tão próximas como o português e o francês, não apreçe pertinente, até porque o vocabulário científico é, entre as duas línguas, transparente. É contudo imprescindível que se tenha em atenção, pois sem palavras a comunicação, científica, no nosso caso, seria impossível. Mesmo para não se dizer nada é necessário falar de qualquer coisa, no quotidiano. Tratando-se, como se trata, de um domínio em que muito há a dizer, com muito maior razão as palavras são necessárias. Sem elas também as estruturas morfosintáticas nunca seriam actualizadas e o discurso não seria um todo coerente uma vez que é a partir do léxico e com ele que a sintaxe se organiza - primeira evidência.

A esta, outra está intimamente ligada: os meios linguísticos que asseguram a objectividade do texto são na realidade mais frequentes no discurso científico, globalmente considerado, do que em qualquer outro. Portanto, porque não estudá-los? Porque não fazer apreender o seu funcionamento atribuindo-lhes a relevância que o seu uso parece justificar?

Todavia, porque os recursos lexicais e morfosintáticos apontados como fazendo parte integrante do discurso científico se revelam insuficientes para a compreensão que se pretende do funcionamento de tal tipo de textos, é óbvio que não podemos deter-nos aqui. O que, anos atrás, era considerado condição suficiente para a sua aprendizagem, veio a verificar-se constituir, após as pesquisas efectuados nos últimos anos, apenas uma parte do que é necessário conhecer.

arte importante mas insuficiente dado que ignora toda a dimensão interactiva existente no próprio discurso. Parte que talvez dê acesso à compreensão global do que está dito, mas que não permite mais que isso.

Para , neste campo, contribuir para uma verdadeira autonomia do aprendente de língua estrangeira é necessário ir mais além e fazer-lhe descortinar as intenções que presidem ao uso da palavra. É necessário levá-lo á descoberta, através de uma criteriosa selecção e repartição dos documentos que se utilizam em situação pedagógica, reconhecer as variabilidades do discurso, tal como as condições que as tornam possíveis.

É necessário, finalmente, proceder a categorizações que tenham como base, simultaneamente, critérios formais e situacionais. Cada um de per si é insuficiente. Juntos e devidamente articulados, permitirão um ensino/aprendizagem do discurso científico mais eficaz e gratificante.

BIBLIOGRAFIA

KRAMSCH, C., *Interaction et discours dans la classe de langue*, 1984, col. L.A.L., Crédif-latier, Paris.

MOIRAND, S., "*Décrire des discours produits dans des situations professionnelles*", nº spécial du F.D.L.M, Aout/Septembre 1990, Edicef 1990, pp. 52-62.

MOIRAND, S., *Enseigner à communiquer en langue étrangère*, col. F., Hachette, Paris, 1982.

MOIRAND, S., *Une grammaire des textes et des dialogues*, col. F., Hachette, Paris, 1989.

PORTINE, H., *L'argumentation écrite*, Col. Le Français dans le monde, Hachette - Larousse, Paris, 1983

TOYOTA HILUX

sonarte



UMA EQUIPA VITORIOSA EM TODOS OS TERRENOS

A HILUX tem um estilo muito próprio. Dotada de grande potência e conforto, é versátil, durável e fácil de manobrar em qualquer tipo de trabalho. É, ainda, uma excelente companhia de fim-de-semana.



A TOYOTA apresenta agora os modelos HILUX 4x2 e 4x4 em 6 versões disponíveis para maior facilidade de escolha: CABINA SIMPLES, CABINA EXTRA E CABINA DUPLA. Não há dúvida. HILUX é, cada vez mais, uma equipa vitoriosa em todos os terrenos.



JOSÉ CÂNDIDO CHÍCHARO & FILHO, LDA.

ESCRITÓRIO: Rua D. Afonso III - Telef. 22090/99 e 24769